

# Retórica, Grécia e Roma Antigas: vestígios da futura linguagem jornalística

Francisco José Castilhos Karam

**A**inda hoje, há muitos aspectos a serem pesquisados sobre a origem do discurso jornalístico. Este trabalho, mesmo que de forma breve e certamente limitada, pretende contribuir para os debates sobre a estrutura do discurso jornalístico e sua atualidade, considerando-o tributário da Grécia e Roma antigas.

A origem da linguagem e da técnica jornalística – e dentro delas, do *lead* – ao contrário do que consideram algumas interpretações correntes, não é responsabilidade exclusiva do jornalismo norte-americano ou inglês. Não surge do acaso ou por um simples arbítrio na articulação do discurso. Certamente, a linguagem jornalística valeu-se – e aí entra a tradição inglesa e norte-americana do discurso jornalístico – da tradição greco-romana em relação ao uso das palavras e ao discurso claro e convincente. Mesmo no jornalismo de países europeus e, independente de origem geográfica, de países que adotaram o socialismo – ainda que de perspectivas diferentes – a linguagem jornalística tornou-se tributária, na representação social dos fatos, das bases retóricas da antigüidade greco-romana.

## **Um início**

Em Roma, dentro do contexto de helenização geral da cultura, a arte retórica inseriu-se com vigor a partir do século II a.C.. Apesar de resistências iniciais de setores conservadores romanos, o ensino de retórica, por muito tempo reservado a pequenos círculos, começou a se disseminar. No entanto, um conjunto de obras se perdeu. Aos poucos, algumas foram recuperadas. Destas, até hoje algumas não têm autoria conhecida, embora, ao longo da história, tenham sido atribuídas a um

ou outro autor. Mais tarde, novos estudos comprovaram se tratar de equívoco, renomeando autores para determinadas obras.

Foi antes da era cristã que os estudos sobre o discurso e sua aplicação à pólis iniciaram. Tanto na Grécia Antiga como na Roma Antiga, entre filósofos retóricos ou sofísticos, houve exame e especulação sobre a articulação do discurso. Os retores, entre os quais Platão, Aristóteles e Protágoras (cerca de 400 anos antes da era cristã), na Grécia Antiga, já haviam consolidado a idéia de que o discurso deveria ser bem articulado e acessível às massas. Em Roma, seguindo com alguns exemplos, filósofos também continuaram e desenvolveram a tradição grega da retórica, entre eles o exímio orador Marco Túlio Cícero, por volta dos anos 80 a.C. A técnica (*technikós*) já representava a habilidade em fazer, a arte de fazer e, hoje, situa-se como o “conjunto de regras práticas ou procedimentos adotados em um ofício de modo a se obter os resultados visados” (Japiassu e Marcondes, 1991:232).

Para Cícero, os ouvintes ficariam interessados se houvesse uma exposição, com clareza, do resumo da questão. Assim, o auditório manteria a atenção. Mas, para isso, dependeria da narração, que iniciaria pelo exórdio, ou seja, “la parte del discurso que dispone favorablemente el ánimo del oyente para escuchar el resto de la exposición” (Cicerón, 1997:111). A narração, prossegue Cícero, “es la exposición de hechos como han ocurrido o como se supone que han ocurrido” (1997:119). E, para a narração, são necessários três requisitos, conforme ele: *clareza, brevidade e verossimilhança* (1997:122).

Em *Retórica de Alexandre*, atribuído a Anaxímenes de Lámpsaco (que viveu em meados no século IV antes de Cristo na Grécia Antiga), a narração deveria ser clara a partir dos fatos e da linguagem (López Eire, 2002:240):

Lo será a partir de los hechos, si se refieren éstos en el orden en que ocurrieron sin recurrir a la digresión. Lo será a partir del lenguaje, si se emplean palabras comunes y simples. La narración será, además, concisa, si se omite todo lo supérfluo que pudiera producir oscuridad, y persuasiva, si se apoyan los hechos improbables en razones que o bien se exponen o bien se prometen.

Nota-se, também aí, alguma aproximação com o discurso jornalístico e com os valores como credibilidade e fidelidade, incluindo o relato do profissional e a versão das fontes.

A persuasão, que integra o processo de argumentação retórica, já envolvia, então, um modelo de organização do discurso que expunha os fatos, os demonstrava e concluía. Estes valores da narração, que no Ocidente surgiram na Grécia e Roma antigas, prosseguiram valorizados dentro do campo do discurso oral e, posteriormente, escrito, sendo apropriados pela moderna retórica e por algumas atividades profissionais que a utilizam rotineiramente, como o direito e o jornalismo.

Para que a exposição fosse completa exigia-se, no entanto, alguns elementos essenciais. Conforme Mortara Garavelli, especialista em retórica clássica, Cícero, em seus escritos, relacionou os aspectos essenciais para que o texto se tornasse completo. Lembra que para o famoso orador romano era preciso responder às perguntas quem? (*quis / persona*) o quê? (*quid / factum*) onde? (*ubi / locus*) como? (*quemadmodum / modus*) quando? (*quando / tempus*) com que meios ou instrumentos (*quibus adminiculis / facultas*) e por quê (*cur / causa*) (Mortara Garavelli, 1991:79).

De fato, nos escritos originais de Cícero (1997:249) vamos encontrar as atribuições que devem ser dadas, por exemplo, à ação, incluindo as perguntas-chave *Quem?*, *O Quê?*, *Quando?* e *Como?*.

As proposições de Cícero<sup>1</sup>, originadas na retórica da antigüidade greco-romana, foram paradigma da exposição de acontecimentos nos dois milênios seguintes. Em diversos momentos, ao longo de tal período, as circunstâncias do fato tiveram grande relevância na constituição de uma ética da palavra, sendo exemplarmente utilizada no discurso jurídico e na argumentação filosófica. Com isso, buscava-se convencer para a validade moral de um fato e sobre ele emitia-se juízos de valor.

A separação entre o *sapere* e o *dicere* (o conhecimento separado de sua representação verbal) representou uma ruptura negativa na ordenação discursiva e no conhecimento público do entorno social, culpa em parte atribuída a filósofos afastados da intervenção social. Eles separaram *res* de *verba*, a coisa de sua representação.

A recuperação da retórica contemporânea em sua dimensão cognitiva permite também separar o discurso retórico sem bases factuais (a plena subjetividade) do que tem bases factuais (que inclui elementos de subjetividade, mas objetiva-se, culmina em determinados acontecimentos, considerados fatos, e, no discurso jornalístico, fatos jornalísticos). Assim, a proposição retórica deve atuar, no jornalismo, por verossimilhança, recorrendo à arte de dizer, que desde os gregos antigos cresce e povoa a história.

## **Uma aproximação**

Talvez por isso, conforme Xosé López (2003:387), o jornalismo, desde seu surgimento, viveu à sombra da velha tradição retórica antiga, clássica, medieval ou renascentista. Mesmo no ambiente do ciberespaço, destaca ele, o conceito de retórica é aplicável, de forma ampliada, ao ciberjornalismo, ou seja, transferindo para ele os procedimentos utilizados para que as mensagens na Rede sejam eficazes (2003:387).

A clareza, já em Aristóteles (384-322 a.C.) – e portanto bem antes de Cícero (106-43 a.C.) –, embora ele não defendesse nem a demasiada brevidade nem a excessiva concisão, *mas a justa medida do discurso*, deveria buscar concentrar e resumir as coisas, no sentido de torná-la compreensível, “porque cuando uno ha comprendido,

si se añaden más palabras, se pierde la claridad y sobreviene la obscuridad” (Aristóteles, 2005:293). Ele lembra que o exórdio é o início do discurso, como o prólogo na poesia e o prelúdio na música. “Todos estos son comienzos y como abrir el camino para lo que va a seguir”, destaca ele, complementando: “El prelude es semejante al exordio de los discursos demostrativos, pues los flautistas, lo que saben tocar bien, lo ejecutan como prelude y lo enlazan con la nota que da el tono” (2005: 320).

Certamente Aristóteles dá relevância ao início de qualquer mensagem para a continuidade bem sucedida do discurso. E nem por isso, na música, na poesia ou na oratória, a utilização destas técnicas fizeram com que fossem ou sejam acusadas de “tecnicistas”, como eventualmente são acusados alguns que ainda acreditam que um bom início de matéria jornalística começa, precisamente, por um bom *lead*. Assim, parece-me que os discursos sobre o *cansaço do lead*, seus *sinais de esgotamento*, o pejorativo termo “tecnicismo” que é atribuído ao seu uso, a busca por soluções criativas (às vezes uma desculpa para a incompetência em redigir um bom texto) tendem a se repetir ou elas mesmo a cansarem<sup>2</sup>.

Não é de esquecer que desde seu surgimento no Brasil o *lead* enfrenta tentativas de sepultamento, mas mostra sinais de vigor quando um redator precisa, no pouco espaço que tem e diante do conjunto de dados e versões, fazer um resumo do que ocorre, porque ou o texto expulsa outro ou é expulso por outro. Não cabe tudo, a não ser que tenhamos edições de uma só notícia ou que nos atenhamos a apenas uma informação diária ou que leiamos uma notícia tal qual um tratado sociológico. Ou, ainda, que tenhamos a informação tal qual o tempo em que ocorreu, em sua dimensão e detalhamento, o que significa uma certa prolixidade, um espaço enorme, perdendo-se os elementos essenciais e levando o público a um certo cansaço, já que vive também de outros interesses e necessidades no cotidiano.

Voltando à Roma Antiga, Cícero (1997:127) detalha a necessidade de dividir metodologicamente a narração, fazendo com que, ao mesmo tempo em que seja *breve e concisa*, não deixe de ser *completa*<sup>3</sup>. Assim, o auditório ficaria mais interessado e mais convencido. No entanto, destaca a importância da demonstração, “la parte del discurso en la que nuestra causa obtiene credibilidad, autoridad y solidez por medio de la argumentación” (1997:130). E toda afirmação deve ser provada na argumentação mediante os *atributos das pessoas* (entre elas o nome, a condição, a maneira de ser, os sentimentos, a conduta) e os *atributos dos fatos*, em que há os intrínsecos à ação em si; outros se analisam de acordo com as circunstâncias; outros são acessórios a ela; e outros, ainda, de acordo com ele, conseqüência de sua realização (1997:131;134). Cícero vai, minuciosamente, detalhando os conceitos e mantendo uma coerência interna na exposição de suas idéias, essencial para a controvérsia qualificada no embate entre retores/oradores.

Não é objeto central deste estudo aprofundar aspectos da retórica grega e de sua relação com o discurso jornalístico atual, pelo menos o qualificado. Mas

estas referências servem como contribuição a estudos que aprofundem a análise da linguagem jornalística, em seus diferentes formatos e em seus variados suportes tecnológicos. E para reforçar a necessidade de um estilo técnico, de uma forma de dizer, de uma busca de dados que exigem uma conexão com a questão teórica, técnica e ética. Conforme Romano (2007:158), “cuanto más concuerde una frase (un enunciado, un mensaje) con las experiencias de quien la lee o escucha, tanto más convincente será”<sup>4</sup>.

Os valores como credibilidade e verossimilhança, entre outros, sustentam a legitimidade social do jornalismo. A palavra, como signo humano essencial, ultrapassa o texto escrito, impresso ou virtual, e insere-se no processo de cognição da imagem e dos sinais, permeados pela decodificação do mundo a partir da experiência pessoal e da experiência compartilhada. Neste último caso, a representação do mundo externo pela palavra dos outros precisa convencer determinado auditório, ou seja, o público a que se destina. As reconhecidas escolas de oradores, na antigüidade greco-romana clássica, consagraram um estilo de falar e de situar tanto os acontecimentos quanto o seu relato e interpretação, buscando o convencimento. A argumentação, portanto, é essencial.

O pesquisador italiano Renato Barilli lembra que a retórica envolve o *docere* (transmissão de noções intelectuais), o *movere* (atingir os sentimentos) e o *delectare* (manter viva a atenção do auditório, sem se deixar dominar pelo aborrecimento, pela indiferença e pela distração). O retor que conseguisse isso seria considerado, à época greco-romano clássica, um perfeito orador, porque atingiria o objetivo de persuadir. Por isso, a linguagem deveria ter um caráter claramente acessível, já que “se dirige não a mentes superiores, a espíritos puros, mas a homens de carne e osso, sujeitos portanto ao cansaço e ao tédio, vulneráveis a raciocínios demasiado difíceis” (Barilli, 1985:9). Tais aspectos se constituíram como um patrimônio e uma necessidade a partir do surgimento da retórica na Grécia e Roma antigas.

Entre muitos outros destacados retores gregos, cabe lembrar também Hermógenes de Tarso, que, depois de exercer o ofício de orador, escreveu manuais de técnica oratória, já por volta do final do século II d.C. São conhecidos os tópicos de Hermógenes, que ele chama “do princípio ao fim”, que consiste em responder *Quem? Quê? Quando? e Por Quê?*, adaptações das categorias de Aristóteles (López Eire, 2002:250) e mais tarde, como exposto, abordados por Cícero e outros estudiosos. Vários outros retores e oradores produziram artigos ou textos mais longos tratando dos elementos do discurso e sistematizando aspectos que deveriam ser levados em conta no uso da linguagem e no relato, entre eles Isócrates, Aristides, Péricles, Temístocles, Dionísio de Halicarnaso, Demóstenes, Hermágoras de Temno e Quintiliano.

A retórica, dividindo-se em *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memória*, *actio* ou *pronunciatio* trouxe fundamentais bases narrativas ao próprio jornalismo, constituindo

as bases argumentativas que leva do fato à interpretação, do acontecimento às possibilidades distintas de narração. No caso específico do jornalismo, a escolha dos temas e a emergência de fatos; a seleção dentre muitos acontecimentos e formas de narrar; a ordenação ou hierarquização informativos; a nomeação; a lógica e o estilo, tão tratados por diversos autores, por exemplo Lage (2005), correspondem, no contexto conceitual, à lógica procedimental da atividade jornalística e de sua representação (ou reapresentação) do mundo de forma imediata, centrada no presente ou no que aparece como presente, ainda que ocorrida no passado, e dirigida a um auditório, tentando convencê-lo da validade do discurso, da ocorrência dos eventos e da relevância para a vida pública. A narrativa jornalística tem, na retórica, bases claras, simplificando-se em três aspectos, resumindo López (2003:395-402): a *inventio* (reunião da maior quantidade de material informativo possível); a *dispositio* (respostas às perguntas clássicas do *lead* e um certo ordenamento informativo, podendo-se escolher pela lógica informativa da *pirâmide invertida* ou *cronológica*); e a *elocutio* (a fase da elaboração lingüística ou nomeação). Os gêneros/formatos jornalísticos, em diferentes suportes, encontram no ambiente do ciberespaço novas possibilidades narrativas, que revitalizam, por exemplo, a reportagem. A variedade de fontes e narrativas, o volume de fatos e de interpretação e a sucessão de eventos de forma inesgotável ampliam o desafio ao jornalismo, sem sepultá-lo ou reduzi-lo em relevância imediata e pública. Conforme López (2003:395), o jornalista é ainda mais necessário para assegurar informação de qualidade, já que “la retórica del hipertexto periodístico camina de la mano del profesional de la información y bajo la alargada sombra del excesivo peso del mercantilismo”.

É interessante observar que a retórica teve seu esplendor nos séculos seguintes à era cristã até por volta do século XV. Em 1416 é descoberta *Institutiones*, de Quintiliano; em 1421 há novas descobertas de grandes tratados retóricos de Cícero. E novos estudos foram abordando obras então desconhecidas ou pouco tratadas. Por volta do século XV, descobre-se que Cícero não seria o autor de *Retórica a Herenio* (embora até em obras do século XX vamos encontrar atribuição a ele ou tal obra seja editada junto com outros textos de Cícero), e a retórica passa a sofrer mais críticas, dividindo espaço com a dialética, que cresce em importância. No mesmo período, surge a *prensa de Gutenberg*, cuja tecnologia é capaz de disseminar informações, conhecimento e propiciar os primeiros elementos de um debate público mais amplo. Com isso, os próprios elementos da retórica e da dialética vão encontrar, na nova tecnologia e em seu aperfeiçoamento e desdobramento, um espaço mais propício para a disseminação de fatos, versões e controvérsia que até então era incipiente. Com isso, também ampliam-se as formas de tentar coagir a liberdade de expressão e de circulação de idéias e informações. Os posteriores discursos jornalístico e jurídico são bastante tributários da retórica greco-romano e dos retores que então a desenvolveram.

## Uma permanência

Na imediaticidade em que atua o jornalismo, os elementos retóricos da antigüidade greco-romana constituem eixos fundamentais de seu discurso. É com esta perspectiva, baseada na arte de dizer, resultado da habilidade em fazer, que se estrutura o discurso jornalístico. Por isso, no caso do *lead*, por exemplo, as atribuições de que a pressa para ler, o telégrafo que poderia cair, o tempo disponível de leitura – fatores da incipiente modernidade e do assoberbado ritmo atual –, quando consideradas razões primeiras ou exclusivas para seu surgimento e permanência, desmentem-se pela necessidade de uma arte de dizer e convencer, no que gregos e romanos foram mestres.

Quando tratamos do *lead* e das narrativas, quando falamos de linguagens e ideologia, poderíamos buscar, na antigüidade greco-romana – e não no que errônea e pejorativamente chama-se hoje de “tecnicismo” –, as bases ontológicas do surgimento da atividade específica; as bases morais da ética da palavra e da profissão jornalística, mesmo que a sociedade de então, por tempo, cultura, ritmo e demais razões óbvias, sequer pudesse conceber qualquer vestígio futuro do hoje chamado jornalismo.

Ainda que haja significativas transformações jornalísticas no ciberespaço, “el discurso del ciberperiodismo descansa en los conceptos claves del periodismo” (López, 2003:390). Modificam-se, mas são reforçados alguns princípios e procedimentos no novo cenário profissional, em que a *multimedialidade*, a *interatividade* e a *instantaneidade* são alguns dos conceitos-chave do ciberespaço ou da convergência midiático-tecnológica, estruturados com inspiração no sistema cerebral. Ou, como argumenta López, “se basa na emulación del funcionamiento del cerebro y de las conexiones neurales” (2003:390), oferecendo diferentes níveis de informação, o que hoje, nos meios tradicionais, é separado. Neste novo cenário, a diversidade/segmentação de fontes, atores, narrativas, fatos, interpretações relacionam-se a um ritmo social contemporâneo e a um calendário ainda baseado nas 24 horas do dia, em que conhecer o entorno, de forma veraz, útil e qualificada é importante para que os indivíduos se relacionem com o presente e com o cotidiano com perspectiva de informação, conhecimento e escolha lúcidos e claros e, dependendo das possibilidades e potencialidades a serem exploradas, de forma mais integrada e contextualizada. A especificidade da linguagem jornalística, tributária da antigüidade greco-romana clássica, certamente terá no ciberespaço significativa relevância na representação imediata de mundo a que se propõe, tentando dar inteligibilidade pública e compartilhada ao entorno social.

Francisco José Castilhos Karam

Professor da Universidade Federal de Santa Catarina  
fjkaram@terra.com.br

## Notas

1. Em diferentes autores, vamos encontrar aspectos similares para o tratamento das atribuições que resultam nas perguntas que hoje são utilizadas para a formulação do *lead* clássico no jornalismo. Além de Cícero, há similaridades em vários autores que escreveram ou estudaram sobre retórica na antiguidade greco-romana, como Quintiliano (35-90 d.C.). Em *Retórica a Herenio*, inicialmente atribuída a Cícero, os elementos reaparecem. Mas outros atribuem sua escrita a Cornifício, contemporâneo de Cícero, e para alguns, em vários momentos, também seu discípulo. Cornifício teria sido um retor, autor de *Retórica a Herenio* entre os anos 85 e 82 antes de Cristo. Segundo Garavelli (1991), hoje há sólidos indícios de que Cornifício escreveu a obra, e não Cícero. Mas outro autor, Barilli (1985), não fala que Cornifício foi discípulo de Cícero, apenas diz que era próximo. E vários autores que tratam específica e detalhadamente da retórica na Grécia e Roma antigas sequer mencionam Cornifício (o gramático e etimólogo, já que havia mais de um). Já Quintiliano compilou, posteriormente, várias obras, em 12 volumes, que se referiam à retórica grega e romana, confundindo-se, em alguns momentos, sua compilação com a própria escrita, por exemplo, de *Retórica a Herenio*. Hoje parece haver um consenso que ela foi escrita no período em que Cícero pontificava como grande orador, na mesma época em que Cornifício vivia e compartilhava com Cícero suas observações. Trata-se de um período de difícil comprovação de alguns dados e autorias e que ainda estão sob continuados estudos e aprofundamento pelos especialistas. Ultimamente, surgiu uma versão de que o autor de *Retórica a Herenio* teria sido um aluno de Cícero ou de Cornifício, mas continuaria sem identificação precisa. Assim, seguidamente vamos encontrar referências a “autor desconhecido” para a autoria de *Retórica a Herenio*, embora vários retores da época e estudiosos, hoje, defendam ainda a tese de que a probabilidade maior é de que a autoria seja de Cornifício.

2. Deve-se destacar que a existência do *lead* não invalida os processos narrativos que buscam variados relatos, como o proposto por Adelmo Genro Filho (1987), que, ao defender o reerguimento da pirâmide invertida, sugere que o jornalismo pode ser uma forma de conhecimento emancipadora, desde que a sensibilidade e a competência profissionais levem a uma exposição e convencimento de fatos a partir da categoria de *singularidade*, e não necessariamente da exposição do mais importante para o menos importante em que se assenta o *lead* clássico.

3. As qualidades representadas pela *clareza*, *concisão* e *verossimilhança* são encontradas também em *Retórica a Herenio* e em alguns outros tratados, revelando um método do discurso bastante significativo aplicado na arte retórica greco-romana.

4. Conforme Romano (2007:258), “La peligrosidad de las palabras radica en su fuerza de convicción, que se deriva de su concordancia con la realidad. (...) El estilo es la relación entre dos magnitudes: las experiencias que se reflejan en un texto y el número de palabras empleadas en él. Cuanto menor sea este, tanto mejor será el estilo. Esta es la razón del éxito de la lírica. La forma lírica ha sido durante muchos siglos la más apropiada para la tradición oral”.

## Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *El arte de la retórica*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.
- BARILLI, Renato. *Retórica*. Lisboa: Presença, 1985.
- CICERÓN. *La invención retórica*. Madrid: Gredos, 1997.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.
- JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- LAGE, Nilson. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- LÓPEZ EIRE, Antonio. *Poéticas y retóricas griegas*. Madrid: Síntesis, 2002.
- LÓPEZ, Xosé. Retórica del hipertexto periodístico. In: DÍAZ NOCI, Javier y SALAVERRIA ALIAGA, Ramón. *Manual de redacción ciberperiodística*. Barcelona: Ariel. pp.385-422.
- MORTARA GARAVELLI, Bice. *Manual de Retórica*. Madrid: Cátedra, 1991.
- ROMANO, Vicente. *La intoxicación lingüística: el uso perverso de la lengua*. Madrid: El Viejo Topo, 2007.
- SOUZA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: \_\_\_\_\_ (org.) *Jornalismo: história, teoria e metodologia – perspectivas luso-brasileiras*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. pp. 12-93.

## Resumo

O artigo situa, brevemente, a origem do discurso jornalístico – incluindo o *lead* – nos elementos retóricos da antiguidade greco-romana. O recurso da oratória, dirigida a determinado auditório percorre, ainda hoje, conforme o autor, a lógica do discurso jornalístico e de suas estratégias narrativas, diversificadas e adaptadas ao longo dos dois milênios seguintes. Baseando-se em autores clássicos, como Aristóteles e Cícero, o texto atualiza alguns debates sobre a linguagem jornalística, incluindo autores contemporâneos. Assim, considera que a especificidade oratória do jornalismo permanece em distintos suportes tecnológicos – como recurso narrativo que busca convencer e ter credibilidade e legitimidade sociais –, inclusive no cenário atual do ciberespaço.

## Palavras-chave

Jornalismo; Linguagem; Retórica; Grécia antiga; Roma antiga.

## Abstract

The article situates, briefly, the origin of the journalistic speech – including the *lead* – in the Greek-roman antique rhetoric elements. Oratory resource, directed to a specific audience goes through, still today, according to the author, the logic of journalistic speech and yours strategics of narratives, diversified and adapted throughout the next two millenniums. Based on classical authors, as Aristotle and Cicero, the text updates some debates about the journalistic language, including contemporaneous authors. Thus, it regards the specifics of journalism oratory lasts in distinguish technological supports – as a narrative resource that seeks to convince and to have credibility and social legitimacy –, even in nowadays scenario of cyberspace.

## Keywords

Journalism; Language; Speech; Rhetoric; Antique Greek and Roman.